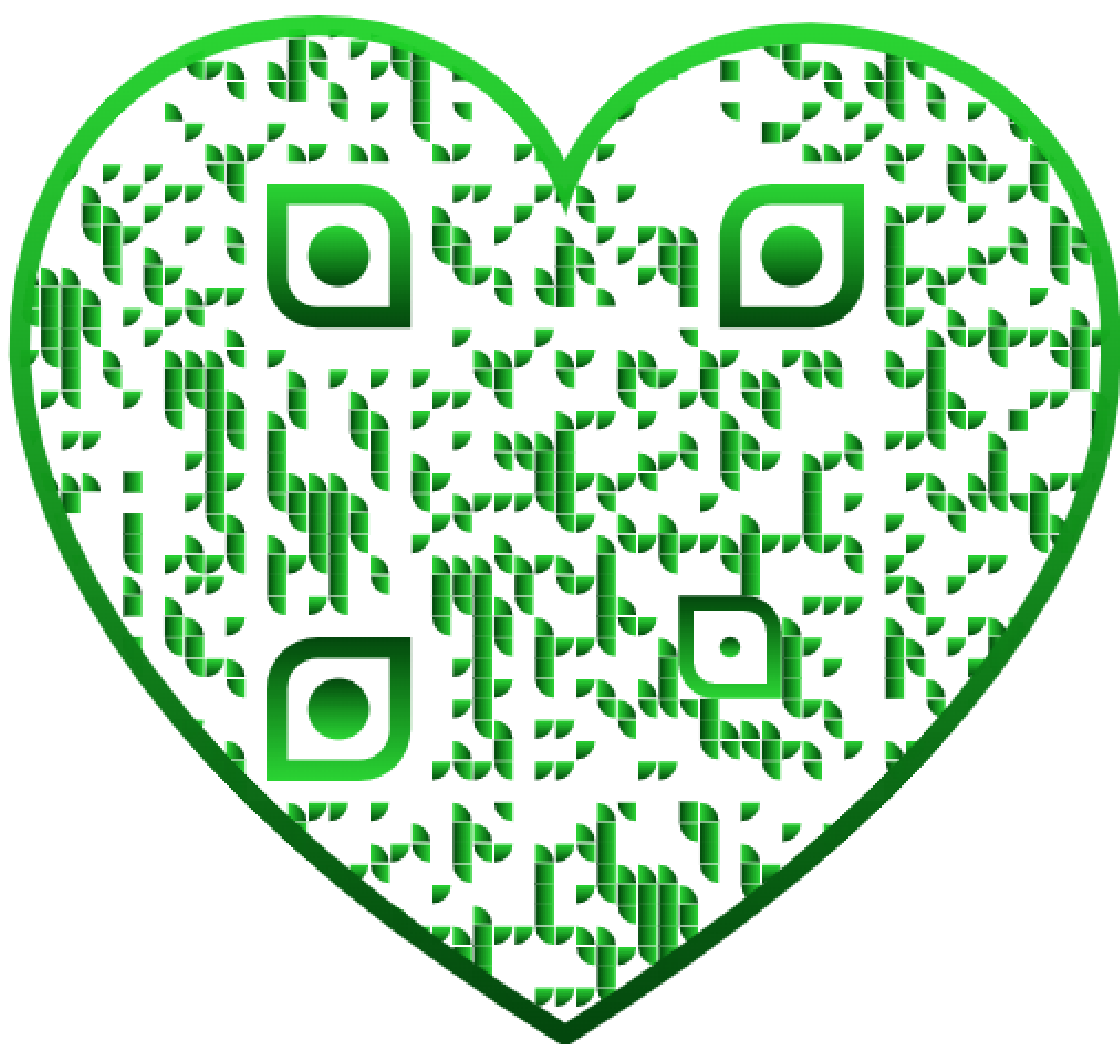
Um conto da autora de O LADO MAIS SOMBRIO

A MARIPOSA NO ESPELHO

A. G. HOWARD





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Notas

A. G. HOWARD

A Mariposa no Espelho



UM CONTO DA AUTORA DE *O LADO MAIS SOMBRIO*

Tradução

Denise Tavares Gonçalves



Título original: *The moth in the mirror*

Copyright © 2013 A.G. Howard

Copyright © 2014 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:

Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Howard, A. G.

A mariposa no espelho / A. G. Howard ; tradução Denise Tavares Gonçalves. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: The moth in the mirror

ISBN 978-85-8163-609-2

1. Ficção norte-americana I. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 — Ribeirão Preto — SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br







1

As maquinações da Mariposa

— Tem certeza, Morfeu?

— Tenho — respondeu Morfeu, tirando as luvas e enfiando-as em seu casaco. — Você, entretanto, parece que precisa ser convencida.

A magia pulsava nervosamente nas pontas de seus dedos, uma luz azul pulsante logo abaixo da pele. Por causa da ponte de ferro que havia lá fora, seus poderes estavam limitados a alguns truques inofensivos, mas suficientes para dar o seu recado, se necessário.

O besouro-tapete — que de tão grande chegava à altura dos ombros de Morfeu, depois de este haver tomado uma poção encolhedora — engoliu em seco por trás de suas muitas mandíbulas

estalidantes. Sua pele carpetada tremia.

— Não, não. Por favor, o senhor interpretou mal as minhas ressalvas. — Os braços ramosos do inseto vibravam enquanto ele folheava as marcações em ordem alfabética de sua prancheta, as quais continham todas as lembranças perdidas no País das Maravilhas. — É que ficar espiando os

momentos esquecidos de um ser humano parece uma maneira tediosa de se passar uma tarde, só isso...

Morfeu mudou de posição, e suas asas lançaram uma sombra sobre a cara do besouro.

— Ah, mas este humano, em especial, tem muito a me ensinar.

Esse humano, em especial, havia conseguido capturar algo que Morfeu desejava mais que tudo neste mundo.

— Sente-se — disse o inseto, apontando para uma cadeira branca de vinil —, e eu prepararei

as memórias para o senhor.

Morfeu jogou as asas para o lado, sentou-se e deu uma tragada no narguilé fornecido por seu anfitrião como cortesia. O tabaco doce e fresco passou ardendo pela sua garganta. Ele soprou baforadas de fumaça no ar, formando com elas o rosto de Alyssa. Era fácil imaginar o modo como seus olhos sempre se cobriam de um azul gélido quando ela o via e se enchiam de excitação e temor ao mesmo tempo. Adorava isso nela: a sagacidade de seus instintos intraterrenos alertando-a a não confiar nele suavizada pelas emoções humanas forjadas durante a infância que passaram juntos.

Antes dela, Morfeu levara a vida em solidão, sem nunca precisar de ninguém. Ele não fazia a menor ideia do feitiço que ela lhe lançara. Ela era mais que uma decepção, sempre jurando devoção ao lado errado. Mas seu encanto era inegável. Principalmente quando ela o desafiava ou o encarava com sua indignação de justiceira, o que a deixava com os lábios deliciosamente posicionados quando rangia os dentes.

Morfeu colocou o narguilé de lado, embora a sensação de queimação em seu peito não tivesse nenhuma relação com o fumo. Alyssa era a única que poderia aplacar o incêndio que havia ali, pois fora ela quem atiçou aquelas chamas.

Os dois tinham passado cinco anos juntos — como amigos de infância — até que a mãe dela a arrancou dele, Alyssa sangrando e ferida, e ele ficara se remoendo de remorso e com culpa por causa de um juramento imprudente que havia feito, no qual prometeu se manter longe dela.

Manter-se afastado da amiga fez com que ele sentisse o gosto da solidão pela primeira vez.

Mesmo todos os anos de claustrofobia que ele passara aprisionado em um casulo antes de encontrá-la... nem mesmo eles o prepararam para o sofrimento da ausência dela.

Então, por fim, ela havia voltado para ele, fazendo-o reviver todos os antigos sentimentos que ele pensava ter dominado. Daquela vez, também, tudo foi muito rápido. Ela partira novamente, por escolha própria. Restaram a dor e a solidão excruciantes. Debilitantes.

Havia apenas seis meses que ela partira do País das Maravilhas, e ele não compreendia este vazio corrosivo que só poderia ser preenchido pelo toque dela, por seu perfume, sua voz. As solitárias criaturas mágicas não ligavam para essas bobagens; não precisavam de companhia, abominavam a bagagem emocional. Sua afeição e lealdade pertenciam ao agreste País das Maravilhas e a nada nem ninguém mais.

Então o que ela havia feito para mudar isso?

Ultimamente, cada vez que ele via seu próprio reflexo, não mais reconhecia a Mariposa no espelho. Estava incompleto, enfraquecido; e menosprezava isso.

Menosprezava ainda mais porque ele havia se esforçado tanto para cortejá-la, enquanto ela oferecia seu afeto para um reles mortal.

Morfeu suprimiu um rosnado. Ele não conseguia compreender a sorte de Jebediah, como um

humano podia ter tanto poder sobre uma rainha intraterrena. Como um simples rapaz era capaz de controlar um coração real e mestiço tão multifacetado, um espírito propenso ao pandemônio e à loucura. Jebediah puxava Alyssa para baixo, acorrentando-a ao tédio e à banalidade do reino humano.

Ela precisa ser libertada.

Morfeu havia considerado a possibilidade de matar seu rival, mas Alyssa jamais o perdoaria.

Não. Chegara o momento de tomar medidas criativas.

Se Morfeu soubesse o que Jebediah havia pensado durante sua jornada pelo País das Maravilhas

— todos os momentos em que ele se sentiu mais aterrorizado, mais desanimado —, conheceria as fraquezas e as forças do mortal *intimamente*. Ele saberia como enfraquecer Jebediah, contrapondo-o contra si mesmo.

Essas fraquezas o derrotariam melhor do que Morfeu o faria. E depois, quando tivesse destruído a confiança de Alyssa em seu cavaleiro mortal, Morfeu estaria lá para confortá-la e conquistá-la.

Voltaria a ouvir a risada de Alyssa do modo como ela ria quando os dois eram crianças, e teria de novo a oportunidade de ser presenteado com o seu sorriso deslumbrante.

Ele voltaria a ser completo.

— Por aqui, por favor — pediu o besouro para que Morfeu o seguisse.

Morfeu tirou o chapéu e passou a mão pelo cabelo. Quando o inseto abriu a porta para um

compartimento de memórias sem janelas, o cheiro de amêndoas vindo de uma travessa de biscoitos de luar fresquinhos que estava em uma mesa de canto se espargiu no ar. Havia uma *chaise-longue* na cor creme colocada contra a parede, e uma luminária de piso em latão decorado que iluminava o espaço com uma luz discreta.

Morfeu concentrou-se no pequeno palco do outro lado do compartimento. Sentiu o coração

palpitar de ansiedade num ritmo profundo e firme. As cortinas de veludo vermelho aguardavam o momento de se abrirem para mostrar as memórias de Jebediah na tela prateada.

— Como o senhor entrará na cabeça do rapaz para visitar suas lembranças perdidas, sou obrigado pelas normas a avisar-lhe que... as emoções humanas podem ser muito poderosas... podem nos fazer ver as coisas sob uma perspectiva totalmente diferente — advertiu o besouro.

— Estou contando com isso. — Morfeu deu um sorriso afetado. — Conhece aquele ditado sobre amigos e inimigos?

O besouro coçou a pele enrugada.

— Hum... mantenha seus amigos por perto e seus inimigos mais perto ainda?

Morfeu acomodou-se na cadeira estofada e alisou sua calça risca de giz ao cruzar as pernas, apoiando um tornozelo sobre o outro.

— Melhor ainda é se colocar no lugar de seu inimigo. É a melhor maneira de controlar seus passos. Ou de apagá-los, caso tenha a oportunidade.

O besouro, voltando a tremer, esticou o braço fininho e apertou um botão na parede. As cortinas do palco se abriram, revelando uma tela de cinema.

— Imagine o rosto do rapaz enquanto olha para a tela em branco e vivenciará o passado dele como se fosse hoje.

As palavras do besouro eram ensaiadas, até mesmo mecânicas, mas a pulsação de Morfeu ficou acelerada. Ele esperou o besouro desligar a luz. Assim que o inseto saiu e fechou a porta, o corpo de Morfeu desmembrou-se nas juntas, flutuando pela escuridão como se fosse feito de partículas de pó.

Todos os seus pedaços se uniram novamente na tela prateada, em cores vivas e cinematográficas, até que ele entrou na cabeça de Jebediah, apropriando-se do seu corpo, sentindo suas emoções.

Naquele momento, Morfeu entregou-se à experiência e, pela primeira vez na vida, passou a ver as coisas como um humano.







2

Primeira lembrança: kriptonita

Jeb acordou em uma cama suspensa.

Estava nu. Por que estava nu?

Antes que esse fato pudesse ser totalmente registrado, trinta fadas ou mais, do tamanho de mariposas, surgiram do ar, acariciando cada parte do seu corpo e sussurrando-lhe. Ele tentou mexer os braços e pernas. As asas das fadas — que batiam na velocidade das asas de um beija-flor —

liberavam partículas parecidas com as pétalas delicadas de um dente-de-leão, que, de alguma maneira, o imobilizaram. As sementes exalavam um perfume de canela e baunilha que foi inundando sua consciência até que a sala ficou totalmente fora de foco.

Quando a névoa se dissipou, ele estava em sua cama, em casa. A noite adentrava pela janela e Taelor estava em cima dele, seminua. A unhas pintadas à moda francesinha percorreram os pelos de seu peito e abdômen, dirigindo-se ao cós de sua calça jeans.

Aquilo não podia ser verdade. Taelor e ele tinham brigado antes do baile de formatura, tinham terminado tudo.

Com delicadeza, ele a virou, colocando-a debaixo dele, e apoiou-se nos cotovelos, afastando o cabelo do rosto dela. Mas não foram os olhos de Taelor que encontraram os dele. Foram os olhos gélidos e azuis de Alyssa — encarando-o com um ar de admiração e inocência. Os dedos dele pareciam grandes e desajeitados nas têmporas dela.

A *Al* na cama dele?

Não. Isso não podia acontecer. Alyssa nem havia beijado homem algum. E Jeb nunca tinha sido o primeiro de nenhuma garota.

A Al era intocável para ele. Ela já passara por muitos episódios turbulentos em sua vida. E ele não era exatamente um exemplo de estabilidade.

Ele tirou as mãos dela e ficou de joelhos.

— Jeb, você não me quer? — perguntou Al, passando a mão no peito dele.

Ele não conseguiu responder. Seus dedos coçavam e pareciam esticar-se, como se estivessem crescendo. Ele ergueu as mãos sob a luz da lua, observando, horrorizado, seus dedos caírem, um por um, e se metamorfosearem em lagartas. As lagartas, então, avançaram lentamente na direção de Alyssa, e ele não conseguia fazer nada para detê-las. Jeb caiu de costas na cama, com as mãos sobre o rosto, olhando fixa e incredulamente para os tocos crus e cheios de

sangue onde antes estavam seus dedos.

Gritando, Alyssa tentou sair do colchão, mas as lagartas a pegaram, arrastando-se por sua pele e tecendo teias até que restou somente uma forma se agitando dentro de um casulo.

— Soltem ela! — gritou Jeb. Uma luz lampejou em seus olhos, e então ele já não se encontrava mais em sua cama. Estava em algum lugar da mansão de Morfeu, e as fadas percorriam sua pele, hipnotizando-o... usando algum tipo de feromônio alucinógeno.

Elas estão me segurando aqui para que o Morfeu fique sozinho com a Al. No instante em que a realidade foi percebida, o feitiço foi quebrado.

Jeb pulou correndo da cama suspensa e saiu da nuvem de sedução de suas captoras. Pegando um travesseiro, ele se cobriu.

— Quero alguma coisa para vestir!

As fadas flutuavam no ar, seus olhos de libélula observando-o.

Havia várias cestas douradas no chão perto dos pés dele. Jeb chutou uma. Suas pequenas captoras se espalharam pelo ar, em histeria coletiva.

Gossamer, a fada predileta de Morfeu, designou cinco delas para pegar os morangos que rolaram.

Elas contaram as frutas uma por uma e as colocaram de volta na cesta.

Jeb chutou outra cesta cheia de contas de óleo perfumado. Outras cinco fadas lançaram-se ao chão para pegar tudo, parando para contar cada conta antes de guardá-la.

Em pouco tempo, ele já havia chutado todas as cestas. Algumas estavam cheias de pétalas de flores, outras continham loção, outras, ainda, uvas. Ao virá-las, ele conseguira manter a maioria de suas captoras preocupada. Apenas Gossamer e outras duas ainda pairavam em torno de sua cabeça.

— Me dê algo para eu vestir — repetiu ele —, ou vou começar a tirar as plumas dos travesseiros.

Vocês não estão em número suficiente para limpar toda *essa* sujeira.

— Ele não está respondendo ao nosso feitiço — murmurou uma das fadas para Gossamer, com os olhos de inseto voltados para Jeb.

— E nem à nossa magia — acrescentou a outra, amuada. — Eu conjurei uma moça das lembranças dele, mas seu subconsciente conseguiu escapar.

— Sim, este aqui é, sem dúvida, um desafio — concordou Gossamer, numa voz que tilintava feito um sino. Depois de mandar as outras duas fadas recolherem o conteúdo da última cesta, ela ofereceu a Jeb um robe de seda.

Ele virou de costas e enfiou a peça de roupa no corpo, assimilando os arredores.

Morfeu o colocara em uma prisão opulenta. A sala era toda revestida com piso de mármore preto que refletia a luz laranja dos candelabros. Ele já estava bem familiarizado com o ponto focal: um colchão circular balançante preso por correntes douradas no centro do teto côncavo. Peles e almofadas forravam a cama, perfumadas por pétalas de rosas.

Apesar de todos esses confortos, faltava a essa sala um detalhe muito importante: uma saída. Não havia portas, janelas ou qualquer outra abertura à vista.

Paredes convexas — pintadas em cor de lavanda escura — eram cobertas por parreiras que se estendiam por toda a sua circunferência, entrando e saindo do reboco e se entrelaçando nos candelabros acesos. Frutas brotavam das vinhas. De quando em quando, as uvas explodiam

espontaneamente e pingavam seu suco dentro de bacias de pedra posicionadas ao longo das paredes para apanhá-lo. E delas, um líquido viscoso e purpúreo era drenado para dentro de fontes — um abastecimento constante de vinho de fadas com aroma adocicado.

Ele se lembrava vagamente de ter provado o vinho ao chegar. Desconfiado, tentou resistir, mas estava com muita sede. Era impossível saber que tipo de magia havia no líquido.

Jeb gemeu e esfregou o rosto. Quanto tempo teria passado bêbado e enfeitiçado? Ele acabara sendo inútil para Alyssa, assim como o pai dele teria sido.

— Onde ela está? — perguntou ele, ignorando a harpa que tocava sozinha e que aumentou o

volume, tentando abafar sua voz. — Me diga o que Morfeu está fazendo com ela.

Minúscula, reluzente e confiante, Gossamer acomodou-se em uma almofada de cetim, passou a mão pelo colchão ao seu lado e cruzou as pernas, apoiando os tornozelos verdes um sobre o outro.

— Talvez você não perceba o que nós, as fadas, somos capazes de fazer. Temos séculos de prática.

Podemos lhe mostrar um êxtase com o qual você sempre sonhou.

Jeb a olhou de cima a baixo e ajustou a faixa de cetim em sua cintura.

— Me desculpe, não sonho com coisas verdes.

Ele encontrou a mochila de Alyssa debaixo da cama e a puxou. Jeb havia notado alguma coisa

dentro dela anteriormente, quando a vasculhara em busca de outra coisa: uma pulseira de ferro forjado que provavelmente ela havia enfiado na mochila quando ainda estava na escola e se esqueceu. Ele havia pesquisado muito sobre fadas quando começou a pintá-las, e sabia que elas não gostavam de ferro — se a lenda fosse verdadeira.

Jeb jogou a mochila sobre o colchão. Os cobertores de pele encresparam-se feito uma onda gigante e derrubaram Gossamer de sua almofada. Acionando suas asas com rapidez, ela pousou sobre o ombro de Jeb.

— Se é Alyssa que inspira suas paixões, podemos realizar essa fantasia. — Gossamer bateu palmas. As outras largaram seus postos de limpeza e se apressaram a formar um círculo em volta de Jeb. Uma onda de enjoo lhe invadiu o estômago quando todas as fadas assumiram a aparência de Alyssa: réplicas perfeitas em miniatura, com cabelo platinado e roupas sensuais de skatista. Elas liberaram novamente suas sementes de feromônios, cegando-o com o perfume de Alyssa, doce como néctar.

Brandindo uma almofada, Jeb rompeu com a ilusão e dissipou as sementes. As fadas saíram aos guinchos e foram se esconder nas vinhas das paredes, com seus corpos brilhantes parecendo cordões de luz piscante e branca.

Gossamer pairou no ar acima dele, ralhando.

— Já chega! Informem ao nosso mestre que o mortal é leal à garota. Não podemos seduzi-lo para que volte ao seu mundo sem ela.

Jeb ficou resmungando enquanto as fadas se esgueiravam por buracos do tamanho de ervilhas na parede de onde as vinhas entravam e saíam. Se ao menos ele pudesse passar por aquelas pequenas saídas também... Chegou a pensar em usar a poção encolhedora que ele e Alyssa tinham encontrado quando chegaram ao País das Maravilhas, mas ela o deixaria tão pequeno quanto suas captoras, e ele ficaria indefeso contra Morfeu. A impotência lhe fervia as entranhas, tão profunda como a que ele sentia quando era criança, escondendo-se em um armário até que os ataques de fúria de seu pai passassem.

Ele cerrou os dentes. Tinha que haver uma passagem escondida em algum lugar por trás das vinhas. Elas o tinham trazido para cá; devia haver uma saída.

Subitamente, ele deu um pulo para a parede mais próxima e arrancou algumas vinhas, lançando-as para todos os lados. O diminuto guincho de surpresa de Gossamer não o intimidou.

Uvas explodiam em suas mãos, libertando seu aroma potente e denso. As plantas viscosas cortavam seus dedos feito arames. Jeb aceitou a dor. Era algo que podia controlar —

diferentemente do tormento dos cigarros acesos que seu pai lhe enfiava na pele, ou dos punhos que lhe socavam o rosto e o estômago. O cheiro da nicotina, o gosto de sangue. Imaginação ou não, eles alimentaram o selvagem em sua alma.

Ele mergulhou numa espiral vermelha de fúria e devastou a sala. Quando finalmente voltou a si e recostou-se na cama, ficou chocado com os estragos que causara.

Arfando e suando, ele cuidou dos cortes nas junções dos dedos e vasculhou os destroços à procura de Gossamer. Será que a teria machucado? Se sim, talvez fosse mesmo filho de seu pai.

Jeb cerrou os punhos, descontente consigo mesmo.

— Gossamer? — Ele se encolheu ao ouvir a própria voz, rude e inflamada de emoção.

Um rufar de asas mexeu uma das correntes que prendiam a cama ao teto. Ele respirou, aliviado ao ver a fada. Embora parecesse meio idiota se importar, já que estava prestes a usar a pulseira de ferro de Alyssa contra ela.

Gossamer pousou no chão ao lado das vinhas rasgadas e das cestas que ele tinha derrubado de novo; seus ombros estavam caídos, em demonstração de derrota. Provavelmente, ela não sabia por onde começar a contar todos os conteúdos derramados.

Jeb começou a vasculhar a mochila. A harpa havia parado de tocar, e o silêncio o incomodava feito o ruído dos ponteiros de um relógio. Cada segundo que ele passava longe de Alyssa a deixava mais vulnerável a Morfeu.

Seus dedos finalmente encontraram um metal frio. Ele jogou a pulseira de ferro na direção de Gossamer, mas mantendo alguma distância, na esperança de enfraquecê-la sem machucá-la.

Ela gritou e lançou-se ao ar, se debatendo.

— Por favor... afaste isso.

— Não até que eu consiga algumas respostas. — Jeb segurou uma das asas dela entre o indicador e o polegar, levando-a para a cama e sentando-a sobre uma almofada, tomando o cuidado de manter a pulseira próxima o bastante para intimidá-la. — Basta cooperar que eu não vou machucá-la.

— Já está machucando. — Ela gemeu, com a pele esverdeada já tingida de turquesa. — Não posso usar minha magia... — Gossamer levou as mãos sobre o rosto. — Vai me deixar... horrível. *Abster-me*. — Sua voz ficou mais calma, como se estivesse falando consigo mesma, e, rangendo os dentes, continuou: — Abster-me até a ameaça de dor e contaminação passar.

Jeb franziu a testa.

— Então o ferro vira seus poderes contra vocês? É a arma perfeita para usar contra seu chefe.

— Um objeto desse tamanho... só funciona com os menores de nossa espécie.

Jeb curvou-se, aproximando ainda mais a pulseira dela.

— Muito bem, então considere isso um detector de mentiras. Toda vez que eu perceber que você está fingindo, aproximarei o ferro. Onde está a Al, e o que o seu chefe repugnante está fazendo com ela?

A cor da fada mudou para um verde azulado. Ela rolou sobre a almofada, as asas lutando para bater. Gossamer as puxou por cima dos ombros até a altura do peito, cruzando-as, como se quisesse conter a sua magia.

— A sua Alyssa está confortável e sendo bem cuidada. Morfeu está zelando pelo sono dela...

Jeb soltou um grunhido. Na noite passada, *ele* havia zelado pelo sono dela, no barco, mudara a posição do corpo dela para que pudesse olhá-la de frente e fazer uma promessa, mesmo que Alyssa estivesse sonolenta demais para ouvi-lo. Jeb havia prometido que a protegeria, que a levaria para casa a salvo. E não iria quebrar sua promessa agora.

Ele precisou resistir ao desejo de destruir a sala novamente.

— Como eu saio daqui?

— Apenas o Morfeu tem os meios para abrir a passagem.

Jeb inclinou-se para a frente, com o nariz quase tocando o rosto de Gossamer enquanto segurava a pulseira sobre a cabeça dela, como se fosse um objeto corrosivo.

— Está dizendo que estou preso aqui até que aquela barata de asas decida me soltar? Ele vai fazer a Al enfrentar o País das Maravilhas sozinha?

Ela choramingou, levando a mão à testa.

— Não. Como você provou ser leal, ele permitirá que a acompanhe em sua jornada. Você

comparecerá ao banquete e traçarão os planos.

— Banquete?

— A apresentação de Alyssa. Morfeu deseja exibi-la aos outros.

— Que outros?

Gossamer deixou-se cair, formando um monte de cor púrpura e em seguida saiu depressa de seu poleiro. Ela puxou alguma coisa de dentro da almofada — um desenho de Al que Jeb não

se

lembrava de ter feito. Lentamente, Gossamer levantou os joelhos e estudou as linhas.

— Você fez isto enquanto estava sob nosso feitiço. Tem poder dentro de seu coração de artista, uma luz que pode iluminar qualquer escuridão. Você captou o interior de Alyssa com perfeição.

— Esse desenho é pura fantasia — resmungou Jeb. Ele colocou a pulseira de ferro sobre o papel ao lado de Gossamer.

Ela rolou para o meio do desenho, tentando escapar do metal.

— Há mais verdade nesta aparência de Alyssa do que qualquer coisa que possam me forçar a

falar.

Jeb puxou o desenho, fazendo Gossamer e a pulseira de ferro rolarem por cima da pelugem. Ele estendeu o desenho sobre uma almofada e percorreu as linhas de carvão com o dedo. A imagem era igual a todos os outros desenhos de fadas que ele havia feito de Al ao longo dos anos, mas ainda assim não poderia ser mais diferente da garota que ele conhecia.

Ele a desenhara com o cabelo preso no alto da cabeça. Al nunca usava o cabelo daquele jeito. Um vestido preto de alcinhas realçava suas curvas. Ela jamais seria encontrada morta em um vestido tão convencional. E a única coisa que se parecia com ela eram as luvas de renda preta sem dedos que cobriam as cicatrizes da palma das mãos.

Fora isso, o desenho era uma fantasia completa. Al estava sentada em um banco de parque

segurando uma rosa. Rímel e lágrimas escorriam em curvas graciosas por seu rosto. Pensando bem, se parecia com a maquiagem dela na última vez que ele a vira.

Ele ainda não conseguia entender por que, depois de quase se afogar em um oceano de lágrimas, o rímel de Alyssa não havia borrado. Apertando os olhos, ele estudou o par de asas translúcidas abertas nas costas dela. As membranas finas tremeluziam sob o único raio de sol que atravessava as nuvens. As asas faziam com que se sentisse estranho, mas Jeb não conseguia perceber a razão.

Talvez porque elas lembrassem as asas de Morfeu, embora tivessem uma cor totalmente diferente.

As têmporas de Jeb latejaram. Nada poderia ser pior do que Alyssa sozinha com aquele homem-inseto. Aquele doido tinha algum tipo de poder sobre ela, havia entrado em sua cabeça quando ela era pequena. O subconsciente pode ser muito poderoso, e se Morfeu ainda tivesse acesso aos sonhos da Al...

— Como posso derrotá-lo? — perguntou Jeb com um nó na garganta.

Os olhos bulbosos de Gossamer voltaram-se para os dele. Ela estava fraca demais para se arrastar para longe da pulseira, que agora roçava sua coxa.

— Ele não será derrotado. Há anos ele espera por este dia.

Jeb fez cara feia.

— Muito bem, ele é o Super-Homem. Mas todo mundo tem a sua kriptonita. Algo de que sente medo.

— O confinamento. — Gossamer deixou escapar e seu corpo escureceu para a cor de um machucado diante da confissão.

— Como assim?

Gossamer levou o dorso da mão à testa.

— Por favor... está muito perto... o ferro... está drenando minha energia.

Jeb caiu de costas no colchão e afastou a pulseira da fada. Equilibrando-o entre os dedos, ele estudou o ferro sob a luz das velas. A pulseira o lembrou de seu piercing de ferro e da primeira vez que Al o vira, sua reação de entusiasmo. Ela havia implorado para tocá-lo e fez várias perguntas sobre o processo de colocar um piercing. Seu entusiasmo e ingenuidade, suas inseguranças... Morfeu não hesitaria em usar alguma ou todas essas coisas para manipulá-la.

Jeb precisava convencer Al a sair do País das Maravilhas, a esquecer esta jornada para quebrar a maldição de sua família a qualquer custo. Algo muito tenebroso estava à espreita, bem perto dela, como no sonho que ele tivera. E Jeb podia sentir que, seja lá o que fosse, estava se aproximando.

— Então vocês querem que ela conserte os erros da Alice original, certo? E se eu consertá-los? —

Jeb tentou raciocinar. — Vocês enviam a Al para casa e deixam que eu cuide de tudo?

— Impossível — respondeu Gossamer num sussurro arfante, voltando à cor verde-clara.

Engatinhando na direção do desenho, ela passou a pequenina mão sobre a rosa. — Ela já passou nos testes e provou ser a escolhida.

— Testes? Está se referindo a encontrar a toca do coelho para o País das Maravilhas e secar o oceano de lágrimas?

Gossamer fez que sim.

— Mas eu ajudei a fazer isso.

— É por ela que ele esperava. Não por você.

Jeb levantou a pulseira de ferro uma última vez.

— O que ele realmente quer dela?

Antes que Gossamer pudesse responder, o teto abobadado começou a tremer. Pedaços espessos de gesso despencaram no solo. Jeb colocou uma almofada sobre a cabeça e uma mão sobre Gossamer para protegê-la dos detritos. O teto se abriu nas emendas, fazendo a cama balançar e puxando as correntes em direções opostas, de modo que o colchão foi levantado a vários centímetros de altura.

Depois que os tremores passaram, Jeb olhou para cima. A silhueta escura de Morfeu apareceu em uma abertura no teto.

Sutileza era um dos últimos itens na lista de prioridades desse cara.

— Já lhe disseram que você é muito escandaloso? — rosnou Jeb.

Morfeu inclinou-se para olhar a sala destruída.

— Já lhe disseram que você é um péssimo hóspede?

Parte da responsabilidade daquela bagunça era da grandiosa entrada de seu aprisionador, mas Jeb mordeu a língua, não querendo arriscar sua oportunidade de ver Al.

Morfeu relaxou.

— Alyssa o aguarda na sala dos espelhos. E, por favor, tome um banho e faça a barba. Você será apresentado aos nossos convidados do banquete como um cavaleiro élfico, então precisa parecer como tal. Gossamer lhe dirá como se comportar adequadamente. — Morfeu largou algumas roupas e botas, que fizeram um ruído ao atingir o chão. — Aqui está seu uniforme. — Ele fez uma pausa e apontou para as correntes. — Que pena que você não tenha asas e nenhuma magia intraterrena. Terá que sair daí sozinho. E posso assegurar que não será nada fácil.

Os músculos de Jeb se retesaram quando Morfeu sumiu de vista; ele sabia que o aviso se referia a muito mais do que sair daquela sala.







3

Segunda lembrança: carnificina

Jeb limpou o suor da testa. Morfeu estava certo. A escalada para sair de sua prisão dourada seria mesmo difícil. Mas isso não significava nada se comparada à jornada pelo País das Maravilhas que ele e Alyssa haviam cumprido desde então. O dia inteiro tinha sido um desafio atrás do outro, com o perigo e a morte aguardando em cada esquina. E agora ele havia perdido a Al. Os dois tinham se separado pouco antes de ela completar o teste final. Al ficou enfrentando as irmãs Twid no cemitério, sozinha, e ele ficou preso aqui no fundo do abismo.

A noite já havia caído quando ele atingiu o solo e foi uma transição extremamente rápida, como se alguém tivesse apagado a luz.

Jeb sentiu os músculos do corpo endurecerem. Odiava pensar na Al sozinha naquele mundo insano depois de anoitecer. E mais uma vez, ela provou ser forte o bastante para encarar quase tudo. No final, foi ela quem o salvara mais de uma vez...

Ele se lembrou dela pairando acima dele — um brilho selvagem, flutuando com a graça de uma libélula. Ver as asas dela brotarem tinha sido ao mesmo tempo assustador e milagroso. Jeb mal conseguiu respirar enquanto observava a transformação.

Falando sinceramente, Jeb ainda não tinha recuperado o fôlego de quando ela o levara para dentro do abismo e ele gritara: “Você é minha corda de segurança!” antes de ela subir ainda mais alto para o céu. Ele não deveria ter colocado tanta pressão sobre ela para salvá-lo; tinha que ter feito o que conseguisse para sair de lá por si próprio e encontrá-la no meio do caminho. Do contrário, ela nunca se perdoaria se algo saísse errado.

A carcaça de um pássaro Jubjub havia amortecido sua queda. Ele limpou nas calças a gosma

pegajosa que tinha entre os dedos, torcendo o nariz diante dos restos malcheirosos do exército que os perseguia, e acabou caindo no abismo. Jeb procurou ficar de pé na escuridão. Suas botas produziam sons de sucção toda vez que ele pisava. Ele nunca tivera fricotes; qualquer aversão a sangue e à violência havia sido expurgada — uma dessensibilização gradual que era

reforçada toda vez que se olhava no espelho e via suas bochechas e olhos inchados, grandes e cheios de sangue, que nem um bife malpassado.

Mas sem uma centelha de luz para guiá-lo, a carnificina aos seus pés parecia mais viva do que morta. Sua imaginação trazia arquivos de todos os tipos, de filmes de zumbis a demônios e assombrações. Seu estômago queimava de náusea. Jeb sentiu-se aliviado ao perceber que os assobios que ouvia dentro do abismo eram produzidos pelo vento. E não havia ruídos de correntes fantasmagóricas nem gemidos de mortos-vivos.

Além disso, seu verdadeiro inimigo era o tempo, mais perigoso do que qualquer coisa que pudesse imaginar. A Al ainda tinha que cumprir a última tarefa no cemitério. E, depois, eles ainda tinham que encontrar um ao outro.

Ele se forçou a avançar às cegas até sua mão alcançar a parede do abismo. Antes de descer totalmente, Jeb viu que a mochila de Al tinha ficado presa em uma pedra saliente próxima ao chão.

Se conseguisse encontrá-la, poderia contar com uma lanterna. Tateando a superfície áspera da pedra, ele levantava seus pés por sobre os obstáculos, tocando os cadáveres com os dedos dos pés para mensurar a largura de cada passo.

Com os cotovelos esbarrando nas pedras, Jeb observou o céu. Um pequeno aglomerado de estrelas brigava com as nuvens, aparecendo para iluminar levemente o lugar ao seu redor, tornando possível que ele continuasse sem esbarrar no falecido exército da rainha. Uma brisa úmida levantava a poeira feito pequenos tornados. Logo choveria. E neste lugar era possível que, literalmente, chovesse a cântaros — daqueles temporais ruidosos, torrenciais.

Um calafrio que não tinha nada a ver com a tempestade iminente lhe percorreu a espinha e obscureceu qualquer sentimento bom que ele poderia ter encontrado naquele pensamento. Qual era a razão de todos esses “testes” de Morfeu? Toda vez que a Al conseguia se sair bem em um desses testes, sua forma intraterrena tornava-se mais acentuada. Será que o intuito era transformá-la completamente para que não pudesse mais voltar ao reino humano?

Fios de cabelo caíram sobre seu rosto, e Jeb os afastou.

Morfeu afirmara que tudo que ele mais queria era que Alyssa voltasse ao seu lugar. Sua *casa*. Jeb esperava que ele estivesse se referindo ao mundo deles, o reino humano. Mas e se a Al não estivesse sob nenhuma maldição, no final das contas?

Ele se lembrou de sua pesquisa sobre fadas, na qual descobriu que elas eram criaturas chamadas de *changelings* — as crias das fadas secretamente deixadas no lugar de bebês humanos roubados.

Alice Liddell, a tataravó de Al, teria sido uma *changeling*? Quem sabe foi por isso que ela

encontrou a toca do coelho quando era criança — por instinto. Isso significaria, de alguma estranha maneira, que *aqui* era a casa da Al.

Jeb parou com as especulações. Elas só levavam a mais dúvidas.

Ele tinha encontrado a mochila. Abriu-a, tirou a lanterna e colocou a mochila nos ombros.

Ao fechar o zíper, ele acendeu a lanterna e percorreu o cenário com fachos de luz. Os guardas destruídos pareciam cartas de baralho amarrotadas. Brinquedos descartados. Até mesmo os pássaros Jubjub poderiam se passar por brinquedos infantis com o enchimento extrapolando para fora.

Com a mochila ajeitada no corpo, Jeb percorreu a circunferência do abismo sem encontrar

nenhuma abertura. Pedras que haviam caído bloqueavam qualquer possível passagem que ele

tentasse. Era como se ele tivesse caído dentro de um tubo gigante. Não havia nenhuma outra saída a não ser na direção para cima.

Jeb apontou a luz para o gramado a cerca de vinte andares acima — a clareira onde Alyssa havia pousado. Estava determinado a encontrá-la antes de Morfeu, mesmo que tivesse que escalar as pedras pontiagudas no escuro e sem uma corda de segurança.

Ele havia acabado de apoiar a lanterna entre os lábios e apoiado o pé em um rochedo para tomar impulso quando ouviu uma voz com um sotaque britânico familiar.

— Ao trabalho, homens. Precisamos contar todos antes que as irmãs Twid enviem sua brigada de duendes para recolher os mortos.

Morfeu.

Jeb desceu e quase colidiu com o intraterreno alado, que tinha aparecido do nada, como se tivesse aberto um zíper no ar e passado por ele. Cavaleiros élficos faziam fila atrás dele, estavam entre vinte e trinta, carregando lanternas e usando o mesmo uniforme de Jeb, só que menos esfarrapado e sujo.

Eles passaram sem nem olhar para Jeb, extremamente concentrados na contagem dos corpos.

— Ora, ora, pseudocavaleiro. — Morfeu riu com desdém.

Cada pedacinho de Jeb ansiava por apagar aquele sorriso arrogante e socar aquele rosto. Mas ele estava em desvantagem. Se quisesse sair desse fosso para encontrar a Al, teria de bancar o bonzinho.

— Detesto dizer isso, mas é bom vê-lo, senhor Mariposa. — Jeb guardou a lanterna. — Vejo que pegou o espelho para vir aqui.

— Eu só viajo de espelho. — Morfeu ergueu a lanterna e examinou as roupas esfarrapadas de Jeb.

— Tem a vantagem de não estragar tanto as roupas. E vou lhe contar outro segredo: se eu mantiver as asas daquele lado do avião — ele apontou com o polegar para as suas costas, onde metade de seus apêndices não era visível —, a abertura fica acessível para nossa viagem de volta.

Jeb forçou um sorriso.

— É bom saber.

Perfeito, na verdade. Ele poderia voltar com a trupe de elfos e depois tomar o expresso na sala de espelhos para encontrar a Al. Mas, primeiro, teria que distrair Morfeu, baixar a guarda dele. Jeb perguntou:

— Esse chapéu é novo?

Morfeu ficou radiante.

— Que gentil de sua parte ter notado. É meu chapéu da Insurreição. Ainda não havia tido a oportunidade de usá-lo antes. — Com o dedo, bateu em várias mariposas que formavam a guirlanda na aba do chapéu e depois inclinou-se e fez conchinha no ouvido de Jeb para sussurrar um segredo.

— As asas vermelhas representam derramamento de sangue.

— Ãh-hã. — Jeb cerrou a mandíbula diante do indesejado bafo quente no lóbulo de sua orelha.

Depois, olhou para os cavaleiros, discerníveis somente por suas lanternas flutuando na escuridão atrás dele. — Então, está planejando um motim com o exército da rainha de Marfim?

Morfeu apertou o ombro de Jeb.

— Eu sempre soube que era mais esperto do que os mortais comuns.

Os músculos de Jeb contraíram-se ao contato.

— O que significa que você estava mandando a Al para uma missão absurda só para se divertir.

Cuidado. Jeb não poderia deixar sua desconfiança transparecer. Pelo menos não ainda. Em vez disso, ele se inclinou para ajustar os cadarços das botas e respirou fundo antes de subir.

Morfeu apertou sua gravata vermelha.

— Todas as tarefas que pedi à Alyssa tinham um propósito. — Ele deu um passo para o lado

quando alguém mais passou pelo portal do espelho: um esqueleto do tamanho de um duende, com antenas e olhos cor-de-rosa brilhantes, metido em um colete vermelho.

— Rábido Branco? — sussurrou Jeb, incrédulo. Nada daquilo fazia sentido. O Rábido era da

corte Vermelha. Por que estava aqui?

– Qual é o relatório? — Morfeu agachou-se para ficar na altura do Rábido, ainda mantendo as asas enfiadas no portal invisível do espelho.

O pequeno intraterreno apertou as mãos enluvadas e olhou para Jeb, sua cabeça careca refletindo o brilho suave da lanterna de Morfeu.

— Um de nós, ele é?

Morfeu sorriu e respondeu por Jeb.

— É claro que é. Ele ajudou a nossa Alyssa a conquistar o grande e cruel exército Vermelho, não lembra?

Coçando a antena esquerda, o Rábido fez que sim.

— Rainha Grenadine neutralizada está. Nos portões da frente e de trás, o castelo guardado está pelos regimentos três e sete. Flanqueando a rainha, um círculo de cinco. Sem esquecer da coroa e seu guardador.

— Ah, sim. O *bandersnatch*[1]. Bem, quando Alyssa tiver trazido seu prêmio do cemitério das irmãs Twid, nada mais terei a temer daquela besta medonha. Fez um bom trabalho, senhor Branco. —

Morfeu deu uma batidinha na aba do chapéu.

O Rábido bateu os tornozelos cadavéricos um no outro, depois curvou-se e lançou um olhar

penetrante para Jeb, antes de pular novamente para o portal.

— Ele é o seu espião — murmurou Jeb, sentindo-se idiota por não ter adivinhado antes.

— Sim.

— Então todas as vezes que o esqueletinho ameaçou a Al, matando-a de susto, era só para manter a aparência de lealdade à Rainha Grenadine?

— Os melhores espiões são aqueles que jogam dos dois lados com o mesmo vigor.

Jeb avaliou a distância as lanternas que balançavam. O tilintar dos cabos de metal e o pisar de botas eclipsavam o suave lamento do vento.

— Certo. Já que estamos abrindo o jogo...

O comentário de Morfeu o interrompeu.

— Que trocadilho mais delicioso, considerando a posição em que estamos. — A lanterna dele apontou para os cadáveres dos guardas de cartas.

Jeb ignorou a piada mórbida.

— Eu ia perguntar por que o Rábido se voltou contra a corte Vermelha.

— Ele era o conselheiro real da Rainha Vermelha quando Alice nos visitou. Deseja ver a

verdadeira herdeira no trono tanto quanto eu.

— Verdadeira herdeira. — Jeb chutou um punhado de terra com uma bota, sentindo o peito

apertado. — Então tudo isso é para destronar Grenadine e abrir caminho para uma nova rainha.

— Sim. — A lanterna iluminou o rosto de Morfeu, numa expressão de indulgência sonhadora. — E

estamos muito perto. Em breve, ela ocupará o trono que é e sempre foi o lugar dela.

O lugar dela. Uma hipótese se formava na mente de Jeb, uma ideia ultrajante e incompreensível, mas, de qualquer maneira, a resposta óbvia para todas as dúvidas que ele vinha remoendo. Todas as dúvidas, exceto uma...

— Mas, primeiro — interviu Morfeu, varrendo o ar com um gesto desdenhoso —, temos que ter certeza do que iremos enfrentar quando atacarmos o castelo. Você e Alyssa conseguiram eliminar boa parte da oposição com seus fantásticos movimentos dos pés. Estamos aqui para avaliar se os números batem com os que o Rábido reportou. Devemos ter certeza de que Grenadine não tem outras cartas escondidas na manga. — Ele bateu nas costas de Jeb. — Viu o trocadilho? "Cartas na manga?"

— E deu uma gargalhada.

Jeb não deu nem um risinho.

— Ah, corta essa. Os guardas dela são de cartas. É uma piada como a que você fez antes, só que mais inteligente.

— Ah, sim, entendi — retrucou Jeb.

O riso de Morfeu se dissipou.

— Você não é um namorado muito divertido.

— Você não leva nada a sério? A Al está correndo perigo. — Jeb deixou escapar.

— Bobagem. Ela é gloriosamente capaz! Você nunca a viu voando? É claro que viu! Estava

pendurado na corrente que ela segurava. — Morfeu voltou a lanterna para a própria cabeça, num arroubo de celebração. — Não foi uma bela visão, presenciá-la transformando-se no que realmente é? Igual a uma princesa de contos de fada. — Ele lançou um olhar dissimulado para Jeb. — Não concorda?

Princesa de contos de fada. Lá estava, saindo da boca do próprio Morfeu, zombando de Jeb por não perceber desde o início. Jeb apertou as alças da mochila para evitar dar um soco na laringe de Morfeu.

Morfeu abaixou a lanterna e depois tirou luvas prateadas de sua lapela.

— Não se sinta desprezado, cavaleiro mortal. Sua contribuição não passará despercebida. E eu sempre pago minhas dívidas. Então, o tirarei desta vala da morte para demonstrar minha gratidão.

— Você pode me agradecer me deixando ajudar a Al. Ela vai terminar a tarefa muito mais

depressa comigo do lado. — Jeb conseguiu dizer, sentindo um nó nas cordas vocais. Se conseguisse chegar até Al, talvez os dois pudessem se esconder de Morfeu no cemitério das irmãs Twid até encontrarem uma maneira de escapar.

— Sinto muito — retrucou Morfeu, vestindo as luvas e acenando para que os cavaleiros élficos retornassem. — Ela precisa fazer isso sozinha. Você a verá em breve; todos nós vamos nos

reencontrar. Uma grande família feliz.

— Não! — exclamou Jeb, perdendo o controle. Ele investiu, mas os elfos foram mais rápidos e o contiveram, com os dedos machucando seus cotovelos feridos. — Deixe-a sair do País das

Maravilhas, seu filho de inseto...

Morfeu pressionou um dedo contra a boca de Jeb.

— Ah-há! Essa, você já usou.

Jeb puxou a cabeça para trás, deixando o dedo do intraterreno pendurado no ar.

Sob a luz da lanterna, as joias nas bordas das tatuagens de Morfeu ficaram escuras, da cor de sangue seco.

— Ora, ora. Isso são modos de tratar seu salvador? — Ele fez cara amuada. — Além do mais, como posso deixar Alyssa sair se ela não *está* comigo? Da última vez que soube, ela estava entrando no jardim das almas. Mas, quando terminar por lá, ela virá ao meu encontro. Ela ainda tem um papel muito importante a desempenhar.

— Certo. Porque *ela* é a herdeira do trono. — Jeb ouviu, incrédulo, suas próprias palavras ecoarem, como se tivessem saído da boca de outra pessoa. — Não sei como, mas é ela.

— Bravo! — Morfeu aplaudiu. — Estão vendo o que eu disse, irmãos cavaleiros? — Olhando

para os cavaleiros por cima do ombro de Jeb, Morfeu deu tapinhas no peito em cima da gravata vermelha, como se estivesse tomado pela emoção. — Mais esperto que um mortal comum. Pena que tenha as limitações físicas de um.

— Não importa — rebateu Jeb. — Ela está fora do seu alcance. — Ele deu um tranco nos elfos, mas havia muitos segurando-o. — Ela deve estar dentro do cemitério agora, e não pode forçá-la a fazer nada. Você mesmo disse que as Twids não deixam você entrar.

— É verdade. Mas ela encontrará o caminho para o castelo sozinha. No momento em que ela

perceber que estou mantendo presa a coisa que ela mais ama no mundo, virá rastejando para mim, com as asas a reboque.

Morfeu levantou uma mão e fez um sinal.

Os cavaleiros élficos soltaram Jeb. Ele girou sobre o calcanhar e atirou a mochila sobre eles, dispersando o grupo feito pinos de boliche. Esticando o braço, ele bateu o punho na testa de Morfeu, desequilibrando-o. Um dos cavaleiros se esforçou para permanecer no lugar e manter o espelho aberto. Antes que Jeb pudesse se catapultar e atravessá-lo, raios de luz azul grudaram em sua pele e roupas, feito eletricidade estática. Eles o arrastaram, controlando-o como se fosse um fantoche até ele ficar de frente para Morfeu. Os raios vinham da ponta dos dedos do intraterreno.

Morfeu aproximou-se.

Jeb tentou recuar, mas seus músculos travaram, ficaram paralisados.

— Durma — disse Morfeu num tom simples, e levou a mão azul fluorescente à testa de Jeb, cujo corpo foi percorrido por uma luz pulsante. Ele sentiu um gosto doce, parecido com leite e mel, e depois sentiu o aroma de lavanda. Com os dedos apertando o tecido macio da camisa de Morfeu, Jeb lutou para manter-se acordado. Mas a luz era muito reconfortante... muito

suave... muito calorosa.

Contra sua vontade, suas pálpebras ficaram cada vez mais pesadas e ele caiu no chão, em sono profundo.







4

Terceira lembrança: engaiolado

O crânio de Jeb latejava, e havia sangue saindo de seu couro cabeludo e entrando em seus olhos.

Ele limpou o líquido viscoso e focou no lugar à sua volta. Morfeu o tinha trazido para o castelo Vermelho depois de colocá-lo sob o feitiço do sono. Largou-o dentro de uma gaiola na masmorra.

Jeb não queria ter tomado a poção encolhedora quando acordou, mas o homem-inseto havia lhe dado um ultimato.

Primeiro, ele havia ameaçado matar a Al. Mas Jeb rebateu, dizendo que o homem estava blefando, pois sabia que ela era indispensável. Depois, Morfeu usara de outra arma, ameaçando fazer com que a frágil mãe de Al ultrapassasse o limite da loucura. *Isso*, ele faria.

A Al havia lutado muito para salvar a mãe. Ela morreria se a perdesse para a loucura. Então, Jeb não hesitou em levar o frasco aos lábios.

Seu corpo balançava, mas não devido aos efeitos colaterais da poção. A plataforma debaixo dele oscilava por causa de suas tentativas de abrir as barras de sua prisão usando a cabeça — uma atitude desesperada que havia resultado em nada além de um corte logo acima da testa. A magia de Morfeu

— um fio elétrico e azul — mantinha a porta da gaiola fechada e imóvel.

— Que bela coisa você fez, não? — entoou uma voz feminina e irritante. — Morfeu escolhe

quem tem o poder de suprimir sua magia. Obviamente, você não é um dos escolhidos.

Jeb fez cara feia para sua companheira de prisão. Era uma lóri — um intraterreno parecido com um periquito, mas normalmente do tamanho de um ser humano. Como os dois tinham encolhido, a única coisa que a distinguia dos pássaros do mundo humano eram as túnicas de cetim cor de creme com estampas jacquard colocadas sobre suas asas, corpo e pernas, e seu rosto humanoide enfiado no meio de plumas vermelhas, como se fosse uma máscara. Ele foi cutucado por um bico mais parecido com o chifre de um rinoceronte, posicionado no lugar onde deveria haver um nariz. Os lábios da criatura se agitavam furiosamente.

O pior de tudo era que a voz dela poderia derrubar a Torre de Pisa com uma sílaba. Quando falava, era como se alguém tivesse implantado cirurgicamente alto-falantes nos ouvidos de Jeb e travado o volume no "mais surdo que uma porta." Ela era uma das muitas razões pelas quais ele tentava sair da gaiola com tanta insistência.

A luz bruxuleante das velas na parede iluminava seu ar de arrogância e deixava o resto da masmorra nas sombras.

— Olhe aqui, *Lorina* — reclamou Jeb depois que a voz dela parou de ecoar. — Não estaríamos aqui se não fosse pelo seu marido. — Ele apontou para a criatura que roncava abaixo da gaiola, de aparência tão estranha quanto à da esposa, com o corpo de um dodô, cabeça de homem e mãos que se projetavam das pontas de suas asas atarracadas. — Foi *ele* quem manteve Alice Liddell presa em uma gaiola igual a esta aqui, muitos anos atrás. É por culpa dele que a minha namorada é a única que pode destronar a sua rainha. Será que já lhe ocorreu que é por isso que vocês estão presos?

— O Charlie não fez nada disso! — berrou a lóri, pairando dentro da gaiola. — Alguma vez já *lhe* passou pela cabeça que o Morfeu é um cara de pau mentiroso?

Só em todos os segundos de todas as horas. Jeb apoiou-se sobre as barras. Seus joelhos cederam, enfraquecidos pelas tentativas de abri-las usando cada músculo de seu corpo. Ele desabou sobre o piso de metal, empurrando uma fatia de pera já amarelada que estava ao seu lado, feito um pequeno sofá. A gaiola era um pequenino forte inexpugnável. Mas não importava. As barras poderiam ser feitas de espaguete cru, e mesmo assim ele não conseguiria ajudar a Al. Mesmo que escapasse, com este tamanho, Jeb não conseguiria derrotar ninguém.

Charlie, o marido dodô de Lorina, não poderia ajudar muito. Ele estava preso por algemas e correntes de ferro e cochilava recostado na parede. Embora a gaiola estivesse pendurada bem perto da cabeça do dodô, não havia nada que Charlie pudesse fazer.

Morfeu devia ter lançado no homem-pássaro gigante o mesmo feitiço do sono que jogara em Jeb, mas Charlie já estava se libertando dele.

Lorina acomodou-se no poleiro no centro da gaiola, balançando sobre a cabeça de Jeb feito uma acrobata no trapézio. A cara dela estava tão vermelha quanto as suas penas, o que fazia as

espadas e copas estampadas nas bochechas quase desaparecerem.

— Como vamos ficar exilados nestas instalações fedendo a urina, terá bastante tempo para ouvir a verdade — bramiu ela.

Jeb esfregou a cabeça para apaziguar a dor lancinante.

— Se puder baixar a voz uns dois decibéis, eu agradeceria.

— *Abaixar* minha voz?

— Aaaii. — Jeb enterrou o rosto nas mãos.

O trapézio em miniatura rangia a cada balanço, piorando a poluição sonora.

— Para a sua informação, minha rainha adora o som da minha voz. Ela até o elogia...

O ronco do dodô parou, e ele estalou os lábios.

— Isso é porque ela protege os ouvidos com cera de abelha, Ó Mais Adorável das Loucas.

— Seu mentiroso! — retrucou Lorina, balançando o poleiro tão depressa que Jeb achou que ia vomitar.

— Estou preso com correntes de ferro — avisou Charlie depois de um bocejo. — Não tenho

forças para mentir. — Em seguida, pegou novamente no sono.

Isso pareceu calar Lorina, pelo menos temporariamente.

Jeb aproveitou o silêncio para pensar. "A esta altura, Morfeu já deve ter contado à Al sobre sua verdadeira linhagem, sobre o que espera dela. Deve estar tão chocada... tão apavorada". Jeb ansiava tanto abraçá-la que era como se houvesse uma bigorna lhe pressionando o peito.

Aquele mariposo deveria ter contado a verdade desde o começo. Ela nunca escolheria ficar. Mas Morfeu sabia disso e a manipulou sob o pretexto de que ela poderia curar a maldição de sua família.

Jeb queria arrancar as asas pretas de Morfeu e enfiá-las goela abaixo por tê-la enganado, porque não havia cura para o parentesco, e ele sabia muito bem disso.

— Foi a Vermelha quem colocou Alice na gaiola. — A lóri voltou à carga. — Não o Charlie.

— Mas o seu marido escolheu mantê-la presa na gaiola — acrescentou Jeb, mesmo sabendo que não deveria. Ele cobriu as orelhas para a estrondosa refutação, mas Lorina só soltou um suspiro.

— Não. O Charlie tentou fazer a coisa certa pela menina — disse ela, consideravelmente mais ponderada agora. — Ele planejava mandar Alice de volta para o reino humano sem a Vermelha saber, mas a rainha descobriu e os arrastou para uma caverna nos picos mais altos e mais remotos do País das Maravilhas, sem que nenhum de nós soubesse. Ela deixou o Charlie com a vítima dela para poder encenar seu plano-mestre, sabendo que Alice seria cuidada por um prisioneiro que nunca poderia escapar. Porque, como você deve saber, os dodôs não podem voar. Ela me privou de meu marido durante anos. Ele era prisioneiro, assim como a mortal.

— Se isso te ajuda a dormir de noite, tudo bem, passarinha.

Uma comoção de poeira e asas, jacquard e cetim subitamente surgiu e o atacou.

— Você pode mostrar algum respeito e ouvir?!

Jeb levantou as mãos para se defender.

— Está bem. Shhhh. Eu vou ouvir.

Não havia nada mais que ele pudesse fazer. Morfeu lhe dissera que, assim que Alyssa fosse coroada rainha, ela abriria o portal para o reino humano. Acreditando ou não nisso, Jeb não poderia fazer nada a não ser ter esperança. Ele não tinha nenhum poder ali. E ter consciência disso lhe devorava as entranhas a cada minuto.

Acomodada diante de Jeb sob um monte de tecido luxuoso, a lóri olhou por entre as barras e resmungou alguma coisa para o marido que dormia.

— Seu velho e imprestável *fezzerjub*. Eu é que tenho que te proteger. Nem sei por que me casei com você.

O dodô resfolegou e murmurou, sonolento:

— Porque se casar com o bobo da corte era a única maneira de ter uma posição na corte Vermelha, Ó Senhora das Nênias. — E o ronco voltou.

— Viu como deu certo? — resmungou ela, com os lábios vermelhos em forma de coração fazendo beicinho por trás da curva de seu bico. — Aquele Rábido ossudo e seu coração negro de pedra. —

Ela alisou as penas da nuca e cobriu-as com uma rede decorada por lantejoulas.

Jeb estendeu a mão para pegar o dedal cheio de água que seu captor havia deixado ao lado da fatia de pera. Em suas mãos, ele era do tamanho de uma caneca de café. Ele o passou para sua colega de cela, que o pegou com as asas e deu alguns goles.

— Me diga uma coisa, Lori. Se o que você está dizendo é verdade... — Observando a atitude

defensiva em sua cara bicuda, ele refez a pergunta para poupar seus ouvidos. — Como você escolheu compartilhar o seu lado da história, talvez pudesse me dizer de que maneira o *Morfeu* teve participação na prisão de Alice.

Ela sacudiu as gotículas de seus lábios.

— Não teve participação nenhuma. Ele gostava muito de Alice e teria feito qualquer coisa para que ela chegasse em casa sã e salva. Mas na hora em que ele lhe ofereceu seu conselho como lagarta, alertando-a para que evitasse o castelo da RainhaVermelha a todo custo, sua metamorfose aconteceu.

Quando ele emergiu, totalmente transformado, e soube o que havia acontecido com Alice, ficou furioso.

— Está tentando me dizer que ele possui alguma consciência?

— Pelo menos no que dizia respeito a Alice, sim. — A lóri ajustou a suntuosa túnica que ficava escorregando devido à falta de ombros. — Morfeu usou todos os seus recursos de magia e acabou encontrando ela e meu marido escondidos nas cavernas dos picos mais altos do País das Maravilhas.

Infelizmente, já era tarde demais para Alice. — Lorina devolveu o dedal a Jeb, agora com metade da água.

Jeb endireitou o corpo, fazendo a gaiola balançar.

— Então por que ele quer ajudar a Rainha Vermelha a colocar outra rainha no trono, quando ele deveria odiá-la por ter mantido Alice presa em uma gaiola por tantos anos?

— Talvez ele esteja bravo por Grenadine não ter tentado encontrar Alice assim que esta foi capturada. Mas Grenadine perdeu sua fita de memória e esqueceu a criança.

— Um bom regente teria mais do que uma fita para lembrá-la; teria se certificado de que tudo e todos estavam em seu lugar.

— A minha rainha é uma boa regente!

Jeb encolheu-se com o urro agudíssimo.

O ronco do dodô parou.

— Minha vociferante esposa diz a verdade, rapaz. Morfeu parece guardar ressentimento pelo que ele acredita ser negligência, mesmo tendo sido somente um descuido.

Jeb sacudiu a cabeça diante de todas as falhas que havia no raciocínio de todos.

— Não. Há mais coisas nessa história.

— *Você tem bons instintos, cavaleiro mortal.*

Jeb olhou para cima, na direção da voz tilintada. Uma luz brilhante flutuou pela pequena janela e entrou pela pesada porta da masmorra. Jeb levantou-se e agarrou as barras da gaiola, inclinando a cabeça para ver melhor.

Gossamer.

A pequena fada adejou para perto e sussurrou algo para o mágico fio azul que fixava a porta de arame, entrando na gaiola. O fio azul deu um nó em si mesmo depois de ela fechar o trinco.

Ela cintilava feito pequenos fogos de artifício ao pairar no lugar, estudando Jeb com uma expressão de solidariedade.

Como os dois agora tinham o mesmo tamanho, Jeb se lembrou de uma pintura que vira certa vez, de um artista tcheco, Viktor Olivia. O pintor era famoso por retratar uma fada que seduzia homens, levando-os a se embebedar com absinto. Gossamer personificava essa criatura: uma forma feminina perfeita coberta de poeira verde, e nua, com escamas brilhantes cobrindo-a como um biquíni minúsculo.

Ele havia sentido, quando saiu da sala de espelhos, que Gossamer estava do lado dele e de Alyssa.

— Você veio ajudar — lançou ele, esperançoso.

Uma chave de cobre, da mesma cor dos olhos dela e quase do comprimento total de seu torso, pendia de seu pescoço. Seu olhar caiu para os pés delicados, como se estivesse lutando contra si mesma.

— Eu teria vindo mais cedo, mas Morfeu está sempre vigiando o espelho. Agora que ele está com Alyssa, preparando-a para a coroação, estará ocupado demais para ficar de olho no resto de nós...

até o fim.

— O fim? — Jeb apertou a barra ao lado dela, concentrado em seu olhar de libélula. — Você tem que me contar tudo.

A fada olhou para Lorina, que estava se esticando para a porta de arame.

— Você sabe muito bem que não tem o poder de sair desta gaiola, a menos que eu a abra para você.

Bufando, a lóri voltou a voar para o trapézio.

Gossamer conduziu Jeb para a fatia de pera e os dois se sentaram. Seu perfume frutado se impunha sobre o fedor da masmorra e o acalmou o suficiente para ele poder ouvi-la.

A fada colocou as mãos sobre as de Jeb, que descansavam sobre os joelhos.

— Eu já traí meu mestre o bastante vindo até aqui, e sua ira será enorme. Eu só posso dizer que dentro de uma hora Alyssa estará comprometida para sempre, amarrada ao País das Maravilhas para toda a eternidade. Morfeu planejou tudo para enviá-lo de volta, cavaleiro mortal... mas sem ela.

Uma veia na têmpora de Jeb começou a se contorcer feito uma serpente em uma bandeja quente.

Ele deu um pulo para cima e bateu a cabeça nas barras novamente, tentando amolecer o fio azul, incapaz de controlar a fúria exasperada que o fervia por dentro. Mais sangue escorreu por sua têmpora.

— Você tem que me soltar! Preciso impedir isso!

— Sim, sim! Nós também! — interviram o dodô e sua esposa, em coro. — Temos que ajudar a

Rainha Grenadine a manter a coroa!

— Naturalmente — afirmou Gossamer, pegando a mão de Jeb e puxando-o para perto dela. —

Vocês todos terão a oportunidade de lutar e de mostrarem a sua lealdade.

— Mas não posso lutar assim. — Jeb chutou uma semente do tamanho de seu pé. — Você trouxe algum bolo para crescer?

— Não. Não é a força de seu corpo que salvará Alyssa, e sim a força de seu coração de artista.

Mas eu posso assegurar que não sairá deste lugar em sua forma atual.

A lóri desceu de seu poleiro e ralhou com a fada.

— Agora, me escute, sua lacraiazinha. Este rapaz não tem papel nenhum. Ele é, no máximo,

coadjuvante. Eu sou a criada da rainha, e Charlie é o bobo da corte. Nós deveríamos ser a sua prioridade. Somos honoráveis membros da corte, os únicos que podem dar um basta nesta paródia!

Acelerando as asas até virarem um borrão enevoado, Gossamer flutuou e colocou as mãos nos quadris.

— Quanto ao *seu* papel, Lorina: você pode abrir as correntes de seu marido, pois preciso

falar com o mortal a sós e tenho pouca tolerância ao ferro. — Ela abriu a porta da gaiola e lhe deu a chave.

A lóri esvoaçou correndo, numa comoção de exibicionismo e má vontade.

— Venha, venha, Doçura Selvagem — chamou Charlie, encorajando a esposa enquanto ela

flutuava em torno dele, subindo e descendo, incapaz de manter-se firme em alguma altura. —

Apresse-se, por favor. O ferro está me dando fisgadas. Poxa vida! Não é tão difícil assim... tente novamente!

A cara de Lorina ficou ainda mais vermelha.

— Tente, com a ponta da asa, usar uma chave do mesmo tamanho que a sua cabeça, seu meleca!

Alguns de nós não foram abençoados com dedos, sabia?

Enquanto o casal estava ocupado, Gossamer sentou-se ao lado de Jeb de novo.

— Você disse que meu coração de artista pode salvar Alyssa. Naquele quarto na mansão de

Morfeu, também... você disse que eu tenho o poder dentro de meu coração de artista, uma luz que pode iluminar qualquer escuridão. Minha namorada está prestes a morrer para mim e para a família dela. Não pode haver escuridão maior — sussurrou Jeb com lágrimas de frustração que lhe surgiram nos cantos dos olhos.

— Morreria por ela, cavaleiro mortal?

A espinha de Jeb se retesou. No passado, toda vez que ele protegera Alyssa, sempre se jogara sem nem pestanejar. *Seria capaz de morrer por ela?*

Quando o pai de Jeb morreu em um acidente, foi Alyssa quem o salvou. Ele não conseguia

acreditar que tinha chegado a pensar em morar em Londres sem ela. Precisava dela, todos os dias.

De seu sorriso compreensivo, de como ela fez suas cicatrizes parecerem medalhas de mérito sob seu toque, e de seus olhos incríveis. Mesmo tendo passado por tantas provações quanto ele, havia uma luz dentro dela que nunca se enfraquecia. E essa luz não somente a tornava linda por fora, mas permitia que ela trouxesse vida aos incríveis mosaicos que fazia.

Era essa luz — tanto a interna quanto a externa — que o tinha levado a desenhá-la e pintá-la tantas e tantas vezes.

Ele olhou para Gossamer, quase incapaz de conter a emoção, agora que havia encontrado uma

saída.

— Ela é minha melhor amiga.

Minha musa, meu pincel, minha arte, meu coração. Tudo isso estará morto sem ela.

Esfregando o rosto, ele limpou o líquido que havia caído de seus olhos e escorrido pelo rosto:

— Eu a amo. Sim, eu morreria por ela. É isso que preciso fazer?

A fada o encarava sem piscar.

— Está disposto a ir além da morte? A se perder de todos, até de você mesmo, em um lugar onde as lembranças se esvaem em uma maré escura como tinta? Pois para libertar Alyssa você terá que tomar o lugar da Rainha de Marfim na caixa linguardarte onde ela se encontra presa.

Jeb lembrou-se da água escura dentro da caixa que ele havia visto na sala dos espelhos da mansão de Morfeu e da cabeça fantasmagórica que havia lá dentro, e seu coração disparou. O sentimento de autopreservação o invadiu e sua mente começou a tentar encontrar uma outra maneira. Mas, bem lá no fundo, ele sabia que não havia alternativa e que o tempo de Al estava se esgotando. Ele só lamentava não poder dizer a ela, nem uma única vez, com sua própria voz, como se sentia, antes de ser trancado para sempre.

— Aceito.

— E assim será. — Gossamer ficou de pé e estendeu os braços. Fraco e entorpecido, Jeb aceitou seu abraço. Ela apertou-o com força e voou com ele para fora da gaiola, pousando no chão. — O

mortal concordou em ser o herói de seu reino. Procurem honrar sua bravura — disparou as palavras para Lorina.

Lorina havia conseguido soltar seu marido. Ela se sentou no ombro dele, abanando-se com uma asa. Com os olhos arregalados, ela aquiesceu em silêncio — a demonstração mais sincera de louvor que poderia ter oferecido. O dodô ajoelhou-se ao lado de Jeb, uma presença enorme e plumada.

— Teremos uma dívida eterna para com você, rapaz. O que podemos fazer para ajudar?

Gossamer apontou para um canto da masmorra, onde um cobertor de juta cobria uma cama,

chegando até o chão.

— Tragam-me o que está debaixo daquela cama.

Entorpecido por uma mistura de incredulidade e temor, Jeb observou o dodô trazer a caixa

linguardarte.

Lorina ficou perplexa.

— Morfeu manteve a Marfim escondida aqui?

Gossamer assentiu.

— Por sugestão do Rábido. Ele disse que este era o único lugar no castelo onde ninguém a

procuraria.

Depois de pedir a Charlie que abrisse a tampa e arrumasse uma pedra onde eles pudessem subir para ver lá dentro, Gossamer pediu ao estranho casal que se afastasse um pouco para que ela e Jeb tivessem um pouco de privacidade.

Jeb afagou as rosas brancas aveludadas que adornavam o exterior da caixa, fascinado pela beleza do rosto da Marfim quando este veio à tona. O olhar cristalizado de assombro dela passava dele para a fada, e voltava — cautelosamente curioso. Ele estremeceu ao pensar que tomaria o lugar dela.

Tinha mesmo que fazer isso?

Jeb sentiu que Gossamer observava seu semblante.

— Devo perguntar uma última vez se está seguro de sua decisão — declarou ela. — Porque como você está escolhendo ser trancado, e selando essa escolha com seu sangue, a caixa nunca o libertará.

Ninguém poderá salvá-lo. Você está oferecendo sua eternidade pela da Marfim, uma rainha que nem sequer conhece.

Jeb sentiu um nó na garganta.

— Não. Estou *trocando* a minha eternidade pela da *Al*.

Gossamer sorriu com ternura.

— Eu vi certa vez em seus sonhos que você teme não ser bom o bastante para a menina. Depois de tal sacrifício, ninguém poderá questionar seu valor como homem, e nem seu amor por ela. — Ela beijou-o no rosto, deixando um calor que penetrou seu coração e conseguiu derreter uma pequena porção do terror congelante que lá se escondia.

Gossamer deu-lhe um pincel e recuou.

— Agora, use o poder que somente você pode exercer. Pinte as rosas com o seu sangue.

Jeb foi tomado por uma tontura. Murmurou coisas... sem sentido, temerosas... palavras agonizantes que ele sabia serem as últimas.

Depois, canalizou a raiva, o terror e o desejo por um futuro que ele nunca teria para as estocadas do pincel. Tingiu cada botão branco de vermelho até perder-se dentro das sombras de seu trabalho, e tornou-se um com sua obra-prima.







5

A decisão da Mariposa

A cena se estendeu e ficou turva enquanto Morfeu era arrastado para fora das lembranças de Jebediah e depositado de volta na *chaise-longue*. A escuridão deixava a sala pesada, mas ele nem se mexeu para ligar a luminária. O cenário completamente enegrecido parecia combinar com os pensamentos obscuros que lhe cruzavam a mente.

Ele passou o dedo pela coxa, acompanhando as listras do tecido risca de giz e alisando as rugas.

Por que se sentia tão aborrecido? Ele havia encontrado exatamente o que esperava encontrar. As fraquezas de Jebediah estavam à mostra: um ódio que poderia facilmente ser manipulado, um sentimento de impotência alimentado por um pai violento e crítico, um ciúme que provocava um sentimento temerário de proteção e que lhe custaria a própria vida.

O que Morfeu não tinha esperado encontrar, entretanto, era tanta semelhança entre ele e o rapaz. Os demônios do passado atormentado de Jebediah não eram muito diferentes dos seus. Ele sempre se surpreendera sentindo inveja dos humanos... por nunca ter tido o carinho de um pai ou de uma mãe.

Ele também compreendia o medo de talvez nunca chegar a conhecer completamente a confiança e a afeição de outra pessoa, simplesmente por ocupar o seu lugar no mundo.

Contudo, no passado, Morfeu nunca havia considerado isso uma coisa ruim. Ele apreciava ser uma alma reclusa e independente. Por vezes, até se vangloriava, quando lhe convinha ser o

centro das atenções, naturalmente. Mas a atenção, a afeição ou a confiança não eram coisas de que ele *precisava*. Não até aparecer Alyssa. Depois que ela escolheu ignorá-lo, ele não conseguiu funcionar... sentiu-se desastrado e incompetente.

E agora, depois de colocar-se no lugar de Jebediah, Morfeu compreendia, mais até do que desejava, como o lado humano de Alyssa funcionava. Embora metade dela tivesse asas e pudesse flutuar sobre as inseguranças e trivialidades dos mortais, a outra metade tinha seus alicerces nas coisas pelas quais qualquer outro humano ansiava: confiança e segurança.

Tendo visto a coragem, a engenhosidade de Jebediah, e sua lealdade à Alyssa, Morfeu soube, sem sombra de dúvida, que aquilo era exatamente o que o rapaz oferecia a ela: uma rede de segurança e emoção que a salvaria caso a queda fosse muito alta.

Não era de admirar que ela fosse tão cativada por ele. Não era de admirar que ele exercesse poder sobre ela. Diabos, o próprio Morfeu ficou morbidamente fascinado pelos honoráveis traços morais do rapaz, incomuns em um humano tão machucado. Morfeu ficou tentado a recuar e deixar Jebediah ter seu momento de felicidade. Alguns poderiam até dizer que ele o havia merecido por desejar abdicar de seu futuro, de suas lembranças e de sua vida por Alyssa.

Morfeu rosnou e caiu para a frente com os punhos cerrados, tentando suavizar o estranho peso em seu peito. O rapaz não ficaria aqui para sempre. Era um mortal. Um dia, morreria de velho, no mínimo, e Alyssa voltaria a ser um alvo fácil.

Alvo fácil.

A mandíbula de Morfeu se contraiu. O romance não era uma coisa justa. E nem era um jogo. Era guerra. E, como em qualquer outro campo de batalha, não lhe cabiam a compaixão e a misericórdia.

O besouro-tapete estava certo. As emoções humanas eram coisas imprevisíveis e poderosas. Elas haviam penetrado na cabeça de Morfeu, enfraquecido sua determinação.

Com os cotovelos nos joelhos, ele levantou as mãos com as palmas para cima, incapaz de ver a silhueta delas no escuro. Ele conjurou um pouco de magia na ponta de seus dedos, em bolas elétricas de plasma do tamanho de ervilhas, e depois enviou as esferas para todos os cantos da sala, os raios azuis deixando rastros como eletricidade estática. Os dois subiram pelas paredes e em seguida se uniram na forma de uma mulher. A luz pulsava em ritmo hipnótico.

Imaginar Jebediah com Alyssa, mostrando a ela os caminhos do amor, domando seu espírito selvagem com suas corriqueiras convenções humanas, queimou a garganta de Morfeu com o sabor amargo da inveja.

Ele não queria que seu lado selvagem fosse dominado por nenhum outro homem, não desejava

compartilhar nenhuma parte dela. Morfeu desejava os dois lados: sua inocência e seu espírito desafiador.

Que graça poderia haver na dependência? Que espontaneidade poderia haver em um mundo

previsível? Ele poderia lhe oferecer uma eternidade de desafios e paixão, de momentos ternos e calmos nas profundezas de chamas vibrantes e tempestades devastadoras — a tranquilidade em meio ao caos.

O lugar dela era com *ele*, usando trajes de soberana. Ele tinha tanto a ensinar-lhe sobre o reino intraterreno, sobre as glórias da manipulação e da loucura. Se Morfeu alimentasse seu faminto lado intraterreno, suas inseguranças e inibições humanas diminuiriam e, com o tempo, poderiam

desaparecer. Ela nunca mais ansiaria pelo amor seguro de Jebediah.

Morfeu invocou sua magia de volta, recolhendo as espirais de luz azul até ficar novamente envolto pela escuridão. Suas asas varreram o chão quando ele se levantou e ele as ergueu num arco que quase tocava o teto.

Nada mais de deliberações. Ele tinha tentado fazer o que era *justo* em instâncias passadas e, sem exceção, isso sempre o prejudicara. Podia ignorar a pontada de culpa que lhe agitava o peito, mas não podia abdicar de suas necessidades pelas necessidades de Jebediah. Ele nunca mais seria ele mesmo sem Alyssa ao seu lado — a chama para sua Mariposa. Morfeu não pararia até que ela

voltasse para o lugar que lhe pertence, no País das Maravilhas.

Para vencer, ele jogaria sujo, colheria os despojos do coração dela do modo que fosse necessário, não importa o quanto isso custasse para o rapaz mortal. Afinal, este era o modo intraterreno. Fazer menos do que isso faria de Morfeu um humano. E ele sabia, agora mais do que nunca, que essa era a última coisa que algum dia ele desejaria ser.

FIM

Notas

[1] No poema *Jabberwocky*, tradução de Augusto de Campos, o termo foi traduzido como *Babassura.* (N. da T.)

Document Outline

- Sumário
- Folha de Rosto
- Folha de Créditos
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Notas